

O ESPAÇO DA PROSTITUTA NA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XX*

Ariágda dos Santos Moreira**

Resumo: O artigo evidencia diferentes modos de representação da prostituta e de seu espaço de circulação em algumas obras da literatura brasileira, da segunda metade do século XX. As obras mostram personagens femininas, que ganham a vida vendendo seus corpos, em inusitados prostíbulos, integrados ironicamente ao espaço social e moralmente aceitos. A partir dessas representações, o que se pretende discutir aqui, embasado inicialmente nos conceitos de "mundo demoníaco" e "mundo divino" de Northrop Frye, é a relação de estreita interdependência e assimilação que marca espaços aparentemente antagônicos e inconciliáveis. Tal assimilação pode ser também observada por meio da noção de heterotopia, de que trata Michel Foucault, base das análises do crítico literário, o chileno Rodrigo Cánovas, que reforçam as discussões finais neste texto.

SAGRADAS OU PROFANAS: IMAGENS DA PROSTITUTA NO TEMPO

Narrativas surpreendentes, ligadas ao tema da prostituição, compõem o diverso campo literário latino-americano, fundamentalmente a partir da segunda metade do século passado. Inserida no contexto e seguindo essa tendência, na literatura brasileira a temática é também bastante

* Recebido para publicação em junho de 2007.

** Doutoranda em Estudos Literários e Culturais Latino-americanos – UCMLV-Cuba.

fértil. Em busca de evidenciar algumas das inusitadas formas de narrar o tema, o presente artigo apresenta personagens femininas — “prostitutas de papel” — de diferentes autores brasileiros, que vão revelar um pouco do universo narrativo do chamado “mercado do sexo”¹. Como parte do referencial teórico, utilizam-se as obras: *Anatomia de la crítica* (1991), de Northrop Frye, ao se tratar dos espaços das personagens nas narrativas, em comparação com outros espaços. Além deste teórico, utilizam-se também algumas reflexões do crítico chileno Rodrigo Cánovas, em *Sexualidad y cultura en la novela hispano-americana: la alegoría del prostíbulo* (2003), que empresta a noção de heterotopia, discutida por Foucault, para analisar um mosaico de representações dos prostíbulos e sua integração com o mundo fora deles.

As histórias que cercam a prostituta e a prostituição fascinam e comovem há milhares de anos. Embora pareça estranho, elas nem sempre tiveram uma face profana e marginal, no julgamento social. De acordo com Nancy Qualls-Corbett², em sua obra *A prostituta sagrada* (1990), a “profissão mais antiga do mundo” teve sua face sagrada nas nações latinas antigas. Nas civilizações gregas e romanas que viveram antes da Era Cristã, as respeitadas prostitutas sagradas viviam tranqüilas, cercadas de atenção, conforto e muito respeito em suas comunidades (Id: 14).

¹ Aos olhos do capitalismo, trata-se de um negócio lucrativo que vem prosperando, mais ou menos em silêncio, marcado por relações sociais conflitantes, que guardam certo fascínio e mistério para as sociedades.

² Pela ótica junguiana a autora analisa a antiga ligação, nas civilizações gregas e romanas anteriores à Era Cristã, entre a espiritualidade e a paixão, ou mesmo entre sexualidade e religião. Para ela esses pares, hoje quase inconciliáveis, formavam um todo inseparável. Nesse contexto a prostituta sagrada representava o elo — carnal e espiritual — entre as deusas do amor e da fertilidade e a humanidade. Sobre o tema ver também: HARDING. *Os Mistérios da Mulher*, 1985 e BOLEN. *As Deusas e a Mulher*, 2003 - (QUALLS-CORBETT, 1990, p. 39).

Naquele tempo, para que uma mulher fosse eleita prostituta sagrada, ela tinha que ser dotada de especiais características espirituais e físicas. Segundo Qualls-Corbett, isso significa dizer que era uma mulher “virgem, boa, alta e exoticamente bela” (Id., *ibid.*), a representante humana das deusas. Uma espécie de “sacerdotisa sensual” que, através do sexo, promovia a ligação das deusas da fertilidade e do amor com os seres humanos, integrando, no plano físico do sexo, os dois pólos separados cosmicamente. Após a Era Cristã, a faceta sagrada, o lado positivo do ofício, foi se perdendo cada vez mais e na modernidade o próprio nome representa um paradoxo.

Sem levar mais em conta a face sagrada do ofício, o mundo moderno — real e ficcional — se interessa apenas pelo universo erótico, misterioso e profanado da prostituta. Na literatura, as transgressoras formas de representar os problemas, os prazeres, as frustrações e os espaços de circulação destas mulheres, ficam marcadas por suas linguagens e psicologias, por seus comportamentos e relações de alteridade, enfim, por todo o sistema de signos que inscrevem as personagens prostitutas em seu mundo. Por conta e para além disso, elas e os prostíbulos, em suas diferentes representações, marcam metonimicamente certa segregação moral e estigma social, conforme se busca demonstrar no artigo.

Nas ficções, o universo da prostituta é narrado, de forma recorrente, como o espaço do profano, da luxúria, do desregramento moral e social, por influência, em parte, de dogmas religiosos, sociais e políticos de aceitação. De acordo com tal perspectiva, ele representa o local do excesso, da farsa e da dissimulação, povoado por seres humanos estranhamente contraditórios, que não se enquadram ao *lócus* moral e social de prestígio. É ainda, nesta concepção,

um mundo regido e controlado por Eros, um dos imortais deuses cosmogônicos gregos, que emana, ao mesmo tempo, “beleza, poder e desejo³”. Por tudo isso, os espaços das personagens “mariposas”, nas narrativas menos convencionais, apresentam-se, contraditoriamente, como exóticos (atraentes) e escandalosos (repulsivos).

O espaço das prostitutas nas narrativas (nem sempre um reconhecível prostíbulo) se identifica com o “mundo demoníaco⁴”, discutido por Frye, quando trata da teoria dos arquétipos. Para o crítico, tal mundo existe em evidente distinção e oposição ao “mundo divino”. Esse último, um espaço calmo e claro marcado pela sacralização dos seres e de seus atos. Na abordagem de Frye os dois mundos são antagônicos, mas passíveis de integração, nos moldes daqueles que se procura revelar através dos universos discursivos das personagens e das estratégias estruturais utilizadas pelos autores, nas obras que são aqui discutidas.

³ Eros, na expressão de Aristófanes, vinculava estes três irresistíveis atrativos, porque era filho de Afrodite e sua paternidade é atribuída a diferentes deuses da Mitologia Grega como: é Urano, de acordo com Safo; é Ares para Simônides e na interpretação de Cícero é filho de Hermes (BRUNEL, 2000, p. 320).

⁴ Na teoria dos arquétipos se identificam construções literárias nomeadas “imágenes demoníacas” e “imágenes divinas”. Falando de forma sintética, as imagens formulam mundos que se excluem e se inter-relacionam. Podendo, ainda, se relacionarem com elementos orgânicos e inorgânicos ligados aos seres, como: religião, fogo, mitos, desertos, água. Segundo Frye, “un de los temas centrales de las imágenes demoníacas es la parodia, la burla del juego exuberante de la vida al sugerir su imitación en términos de vida real” (Id: 194). Nesse caso, elas acabam se convertendo em paixão feroz e destruidora, que podem frustrar ou mesmo arruinar quem as sentem. Para o crítico o mundo demoníaco humano atua sob o domínio da paixão destruidora e pode ser simbolizado por “lo general una ramera, bruja, sirena u otra hembra tentadora, objeto físico del deseo, que como posesión se busca y por lo tanto nunca se consigue interamente” (FRYE, 1991, p. 195).

Inserida e absorvida pelo “mundo demoníaco”, em grande número das narrativas modernas latino-americanas, as personagens do “mercado do sexo”, frente a condições vulneráveis comuns em seu espaço de circulação, estão em permanente vigilância. Elas tentam como podem escapar das constantes situações de risco e perigo, embora ajam sempre sob a tutela de um poderoso elemento – o erotismo – que desestabiliza o controle das paixões. Seguindo essa lógica, Olga, personagem da obra *Pantaleón e as visitadoras*⁵ (2003), do escritor peruano Mário Vargas Llosa, é um excelente exemplo disso, que vale a pena ser mencionado, apesar de não ser objeto das análises do artigo.

Na obra, o autor apresenta um inusitado enredo, no qual um grupamento do exército peruano, em serviço na selva amazônica, recebe algumas prostitutas, chamadas de visitadoras. Em *PV*, o jovem e metódico capitão Pantaleón recebe a “ultrajante” incumbência de organizar um bordel, em plena selva amazônica. A empreitada visava amenizar a fome sexual da soldadesca que, no isolamento da mata, passou a violentar mulheres locais, colocando em risco a “reputação” das Forças Armadas Nacionais.

No livro, o narrador heterodiegético, com suas maliciosas e detalhadas interferências, enriquece os quadros narrativos revelando um “jogo edênico” entre o protagonista e sua eleita, a brasileira *Olquita*. A prostituta, a mais bela visitadora, é o centro do desejo, da observação e da “vistoria” detalhada do precavido militar. E nem a enérgica disciplina militar foi capaz de evitar o envolvimento amoroso do austero capitão Pantoja, como era conhecido, com a visitadora, que mais tarde encontra uma morte trágica, no meio da selva.

⁵ A edição utilizada para a elaboração do artigo é uma tradução feita por Heloísa Jahn, para uma coleção de clássicos produzida pela Biblioteca Folha. Doravante a obra será referida e identificada como: *PV*.

Vargas Llosa busca ironizar as ações dos militares, satirizando os regimentos e a hierarquia militar, revelando a corrupção, as ações instintivas, o sexo e a prostituição, instalados numa organização que preza a ordem e a honra, nos moldes mais positivistas. Em *PV*, o conjunto das visitadoras passa a ser mais um regimento do exército peruano e nesse sentido, o "mundo demoníaco" se mistura e se integra ao "mundo divino", onde a ordem se confunde com a desordem. Na história, a fêmea tentadora, objeto de possessão de um homem poderoso, desaparece para que ele retorne definitivamente ao "mundo divino".

ESTRATÉGIAS E MODOS DE VIDA DE PERSONAGENS "MARIPOSAS" NA LITERATURA BRASILEIRA

Na rua, no bar ou mesmo em instituições de "respeito" como o exército e a família, a prostituta "salta" das páginas das obras literárias e promove, antagonicamente, por meio de uma persuasiva união, a integração dos dois mundos: demoníaco e divino. Nesse sentido, tais mundos, nas narrativas apresentadas, formulam uma espécie de "alegoria contínua"⁶, que vai se configurando em idéias e quadros, construídos a partir das imagens que se sobrepõem ou se justapõem, em meio a diversos conflitos, que tumultuam o "mercado do sexo".

A presença da figura da prostituta na literatura brasileira pode ser observada efetivamente em meados do

⁶ Primeiramente se deve considerar que todo comentário "es una interpretación alegórica: la atribución de ideas a la estructura de las imágenes poéticas", anota Frye. A partir daí se deve redefini-la de acordo com as noções de alegoria real, contínua e ingênua, que reforçam a idéia de que "la alegoría es una técnica de contrapunto", e quando ela se mostra contínua, ao mesmo tempo, ordena "la dirección del comentario y su libertad" (FRYE, 1991, p. 123).

século XIX. É no auge do Romantismo brasileiro que o escritor José de Alencar scandaliza o público leitor de romances — formado essencialmente por mulheres e jovens estudantes das classes abastadas — quando apresenta sua cortesã a jovem e bela Lúcia, protagonista da obra *Lucíola*, empurrada para a prostituição por problemas familiares e financeiros. A partir daí, as representações da prostituta têm se mostrado bastante diversa e recorrente nas ficções brasileiras. E, após as primeiras décadas do século passado, estas personagens começaram a “circular” de uma maneira e em espaços cada vez mais surpreendentes e denunciadores.

Dessa forma, apresenta-se *Beco da Fome*⁷ (1978), do escritor Orígenes Lessa, a primeira obra analisada, que revela o tema objeto desse estudo, lançada pela primeira vez em 1972. Trata-se de uma novela, na qual a narradora-protagonista é *Isaura*, uma prostituta carioca de meados do século passado. Logo nas primeiras páginas, a personagem se apresenta e, com uma linguagem franca e direta, confessa: “Não pense que eu tou querendo tirar onda de santa. Quero não. Desde cedo eu vi que não era, não ia ser e tinha raiva de quem era. Cama é bom.” (LESSA, 1978, p. 11). O discurso de *Isaura* e de seus pares cria um “código social” que não se inscreve em outro local a não ser no “mercado do sexo”. Um código regulado e normatizado pela “ética” de uma forte moeda: o corpo feminino. Vivendo da venda de seu corpo, ela conta,

⁷ Trata-se de uma das muitas obras do importante escritor e jornalista, nascido em Lençóis Paulista (SP), que mostra o homem como um ser tomado por sentimentos e paixões, dominados por um contexto social, político e econômico que o destrói, nesse caso a personagem é uma debochada prostituta, que se utiliza de uma linguagem franca e direta para confidenciar, lamentar e denunciar. Doravante a obra será referida e identificada como *BF*.

sem rodeios, como se comporta diante das situações comuns e das inusitadas da sua vida na “viração”⁸.

“É uma concorrência filha da mãe, eu vou te contar. Quando eu tou numa esquina e chega uma bicha, vestida de mulher, se rebolando, eu digo pra mim mesma: “minha filha, vai caindo fora, que aqui a noite se fodeu!” Porque eu não sou como as outras. A turma reage” (Id: 27).

A personagem tem na rua o seu espaço de circulação e a ele busca se integrar. Adota para a “viração” o nome de *Sueli*, e procura separar e distinguir, como pode, seus mundos. Para a mãe e a irmã ela é uma empregada doméstica, que sempre que pode volta ao lar para levar-lhes ajuda financeira. Na rua é a *Sueli*, uma trabalhadora que ganha a vida comercializando seu corpo. Na verdade, trata-se da mesma mulher, que se desidentifica para sobreviver. No universo de *Isaura*, o “mundo alto” insiste em não se integrar ao “mundo baixo”, mas não há saída, este traz aquele em si e vice-versa. Eles se reconhecem na própria personagem. Em *BF*, o primeiro é representado pela casa da família de *Isaura* e o segundo pelas ruas, becos e avenidas do centro carioca, onde *Sueli* faz a “viração”.

Uma outra obra importante neste estudo é *Amar, verbo intransitivo*⁹ (2002), de Mário de Andrade, na qual o

⁸ É uma expressão recorrente na narrativa, utilizada pela própria personagem, para sintetizar sua vida e as relações sociais que experimenta com a prostituição.

⁹ A obra foi chamada pelo próprio Mário de Andrade de “Idílio”, que visava construir um novo modo de ser, de compreender o mundo, de dimensão de pensar e sentir diversa da européia, ou seja, uma forma identitária mais autêntica. Neste “idílio” a personagem Elza é conhecida, pelos brasileiros, como *Fräulein*, termo que designa senhorita em alemão, mas que no contexto,

autor constrói um singular exemplo de integração dos dois mundos identificados por Frye (1991). Nela, se conhece *Elza*, uma professora alemã que veio, provisoriamente, para o Brasil em busca de fortuna. Ela foi contratada pelo austero Sousa Costa, empresário bem-sucedido, para fazer a iniciação amorosa de seu filho, o jovem Carlos, serviço que ela já vinha prestando a outras “boas” famílias de São Paulo. *Fräulein* era, então, professora de amor dos jovens burgueses. Em diálogo com Sousa Costa, ela procura esclarecer algumas normas para a adequada prestação de seus serviços e mostra como a estranheza das pessoas a incomodava.

— E, senhor... sua esposa? Está avisada?

— Não! A senhorita compreende... ela é mãe. Esta nossa educação brasileira... Além do mais com três meninas em casa!...

— Tenho 35 anos, senhor. Certamente não irei se sua esposa não souber o que vou fazer lá. Tenho a profissão que uma fraqueza me permitiu exercer, nada mais nada menos. É uma profissão. (ANDRADE, 2002, p. 49)”

Para *Fräulein*, seu ofício — professora de amor — é um trabalho como outro qualquer. E, quando questionada sobre os motivos que a levaram a exercê-lo, procurava justificar, com tranquilidade, afirmando apenas que era devido a uma “fraqueza pessoal”. No caso de *AVI*, a professora de amor de Mário de Andrade leva literalmente o “mundo demoníaco” para dentro do “divino”: o lar. E não aceita que haja diferença entre eles. Neste sentido, eles não só se integram, mas contêm um ao outro.

de acordo com Telê Ancona Lopes (2002), pode ser entendido como professora. Doravante a obra será referida e identificada como: *AVI*.

Ao deixar o prostíbulo, em qualquer de suas formas de representação, a prostituta nem sempre consegue passar despercebida, no “mundo divino”, pois sua presença é marcante. Nas narrativas, assim como na vida real, a “boa sociedade” quase sempre se escandaliza com sua maneira de falar e gesticular, seu modo de vestir e andar. É dessa forma, ou melhor, de uma ainda mais desconcertante — nua —, que *Rosaura do Espírito Santo*, prostituta assumida, vai discursar em cima da mesa, em *Cerimônias do Esquecimento*¹⁰ (1995), obra do escritor brasileiro Ricardo Guilherme Dicke, nascido em Chapada dos Guimarães, Mato Grosso.

O espaço “demoníaco” em *CE* é um bar, chamado, ironicamente de “Portal do Céu”, localizado no Coxipó da Ponte¹¹, onde se encontram várias pessoas, bebendo, conversando e escutando dois violeiros cegos divagarem sobre a aproximação do fim do mundo. A narrativa mostra que os fregueses do bar, juntamente com *Rosaura*, estão num momento confuso, que mistura insatisfação, inconformismo e divertimento. Enquanto conversam e aguardam o anunciado fim do mundo, não percebem o que dela não se mostra, “porque toda ela está na sombra, seu corpo mergulhado na noite das trevas, só sua face está fracamente iluminada [...] ela vai tirando a roupa e ninguém vê que ela vai ficando nua na noite...” (DICKE, 1995, p. 67). Assim, em meio a esta atmosfera caótica, *Rosaura*, em certo momento, levanta-se e faz um pronunciamento, tomada por uma crise catártica.

¹⁰ É uma das grandes e densas narrativas de Dicke, importante escritor mato-grossense, ganhador de inúmeros prêmios regionais e nacionais, do meio literário. O autor escreveu muitas obras, dentre as quais se destacam: *Deus de Caim*; *Caieira* e o premiadíssimo *O salário dos poetas*, recentemente transformado em peça de teatro, que vem sendo apresentado em várias cidades do Brasil. O livro de Dicke discutido aqui será doravante citado e referido como: *CE*.

¹¹ Trata-se de um antigo, tradicional e conhecido bairro, hoje região metropolitana, de Cuiabá, cortado por um rio que tem o mesmo nome: Coxipó.

Para a prostituta de CE, somente ela e suas colegas de profissão conhecem o amor verdadeiro, como ele é realmente, segundo adverte: “Nós, cujo nome deveria ser inscrito nas moedas pelo dom do amor [...], pois é por esse amor que vêm [...] as mães de todos os homens e de todas as mulheres” (Id: 80). Politizada, *Rosaura* se põe nua em cima da mesa de um bar na frente dos freqüentadores, assume sua condição de prostituta, e tenta fazer com que seu “mundo demoníaco” seja tão prestigiado e valorizado quanto o “divino”.

A prostituição e as variadas formas de representação é tema recorrente no universo romanesco, como se vem mostrando. Da observação e do estudo minucioso desses espaços, o crítico chileno Rodrigo Cánovas escreveu o livro *Sexualidad y cultura en la novela hispanoamericana: la alegoría del prostíbulo* (2003). Valendo-se de obras literárias de diferentes países e autores que abordam a temática, Cánovas se atém principalmente à análise dos prostíbulos, fundamentando-se no conceito de heterotopia de Foucault, que reafirma a idéia proposta nessa análise: a recorrente e conflitante integração do “mundo demoníaco” com o “mundo divino”. Em sua obra crítica, Cánovas destaca a força dos prostíbulos no cenário literário hispano-americano e, já no prefácio do livro, destaca:

“¿Cómo el burdel desactiva los demás espacios sociales y culturales en la novela hispanoamericana? La literatura reinventa el burdel convirtiéndolo tanto en un espacio de sumisión, habitado por seres grotescos que actúan una erótica letal; como en un lugar de rebeldía, dramático o farsesco, donde se juega a cambiar el orden de las cosas. Así, el escritor hispanoamericano diseña un artefacto que

nomina prostíbulo, el cual es confeccionado como una "heterotopía": es decir – siguiendo a Michel Foucault – como un lugar que tiene la virtud de incluir todos los demás espacios recreados por la cultura, de confrontarlos, deformarlos, invertirlos y finalmente, anularlos (CÁNOVAS, 2003, p. 6)."

Conforme o crítico chileno, o conceito de heterotopia de Foucault representa os elementos disfuncionais do contexto da sociedade pós-industrial. Nela, esses elementos surgem como resposta à homogeneização da vida cotidiana que remete à atual idéia de inexistência de territórios e fronteiras. Nesta perspectiva, para Cánovas, "la figura desterritorializante es la prostituta" (Id., *ibid.*), que vem ao encontro das discussões propostas aqui, a partir dos conceitos de Frye. Portanto, nas mais diferentes formas de representar o prostíbulo, como, por meio do beco, do bar, do cabaré, e ironicamente da família, do hospital ou de um agrupamento militar, as personagens/prostitutas integram, e desintegram, o "mundo demoníaco" ao "mundo divino", formulando um terreno que se mostra movediço, como a própria noção de territórios e espaços nos dias atuais.

Resumen: *Este artículo evidencia diferentes formas de representación de la prostituta y de su espacio de circulación en algunas obras de la literatura brasileña, de la segunda mitad del siglo XX. Las obras muestran personajes femeninos que ganan la vida vendiendo sus cuerpos, en inusitados prostíbulos, integrados irónicamente al espacio social y moralmente aceptados. A partir de esas representaciones lo que se pretende discutir aquí, inicialmente a base de los conceptos de "mundo demoníaco" y "mundo divino" de Northrop Frye, es la relación de estrecha interdependencia y asimilación que marca espacios aparentemente antagónicos e inconciliables. Dicha asimilación puede ser también observada por medio de la noción de heterotopía, de que trata Michel Foucault, fundamento de los análisis del crítico literario, el chileno Rodrigo Cánovas, que refuerzan las discusiones finales en ese texto.*

REFERÊNCIAS

- ANCONA LOPES, Telê Porto. Uma difícil conjugação. In. _____. *Amar, verbo intransitivo: Idílio*. 17ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2002.
- ANDRADE, Mário de. *Amar, Verbo Intransitivo: Idílio*. 17ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 2002.
- BOLEN, Jean Shinoda. *As Deusas e a Mulher*. 6ª ed. São Paulo: Ed. Paulus, 2003.
- BRUNEL, Pierre. *Dicionário de Mitos Literários*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2000.
- CÁNOVAS, Rodrigo. *Sexualidad y cultura en la novela hispanoamericana: la alegoría del prostíbulo*. Santiago de Chile: Lom Ediciones, 2003.
- CORBETT, Nancy Qualls. *A Prostituta Sagrada: A face eterna do feminino*. 2ª ed. São Paulo: Ed. Paulus, 1990.
- DICKE, Ricardo Guilherme. *Cerimônias do Esquecimento*. Cuiabá: Edufimt, 1995.
- FRYE, Northrop. *Anatomia de la crítica*. Caracas: Ed. Monte Ávila, 1991.
- HARDING, M. Esther. *Os Mistérios da Mulher*. 3ª ed. São Paulo: Ed. Paulus, 1985.
- LESSA, Orígenes. *Beco da fome*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Codecri, 1978.
- LLOSA, Mário Vargas. *Pantaleón e as Visitadoras*. São Paulo: Ed. Biblioteca Folha, 2003.